ANO 11.º — Sexta-feira, 15 de Novembro de 1918 — Numero 547

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redação e Administração, Rua Direita, n.º 54

A MORTE DO ABUTRE

Tombou, enfim, mortalmente ferido, o abutre de além Rheno e tombou para nunca mais se levantar.

Caiu, enfim, o tigre real da Germania, caiu afogado em sangue e sem ao menos poder dizer como Francisco I na batalha de Pavia: *tudo se perdeu menos a honra!*

Este, a féra sanguinaria e torpe de Berlim, caiu miseravelmente no lodaçal das suas ignominias; caiu, não com a espada honradamente tinta de sangue, do sangue nobre dos combates leais, mas com ela transformada na navalha covarde dos faquistas e dos assassinos.

Caiu, mas não envolto no manto honroso duma bandeira gloriosa; caiu, sim, mas caiu ignominiosamente, atolado em crimes, desde o da mais baixa covardia ao da mais requintada ferocidade; caiu, mas vergastado em plena face pelo estigma da desonra que ha-de perseguir o seu povo atravez da Historia, como uma raça maldita, como uma alcateia de réprobos, cuja aproximação traz fatalmente desgraça.

Como suprema vergonha dum povo que só vergonhas praticou, desonrando-se vilmente nos mais indignos e abjectos processos de luta, é preciso que lhes fique como *labéo* o proprio nome: **alemão.**

O nome do seu país, que para cada patriota, que para cada cidadão, é um simbolo de orgulho, um motivo de vaidade, um emblema de honra, será para o filho da vilipendiada Alemanha, um estigma de desonra, como um ferrete de ignominia a persegui-lo por toda a parte, a esmaga-lo eternamente com o peso da sua propria vergonha.

Alemão, será o mesmo que covarde, sanguinario, feroz, desumano, violador, incendiario e desleal!

Mas caiu, enfim, o tigre de Potsdam que sobre o direito da Justiça, da Lei, da Ordem, da Razão, queria colocar o direito da brutalidade, do arbitrio, da violencia, do poder absoluto das monarquias da Edade Média, que o Raciocinio e o Progresso atiraram ha muito para o pó da Historia.

Era um absurdo implantado sobre um pedestal de crimes porque a Alemanha tem de ser severamente punida.

Sim, porque é preciso que nas clausulas da paz não esqueça o Lusitania, o Falaba, os navios hospitaes torpedeados contra todas as leis de humanidade e as convenções de Haya e Génebra.

E' preciso que não esqueça o emprego covarde dos gazes asfixiantes, cujo uso as mesmas convenções não permitem.

Arma traiçoeira que só por bandidos poderia ser usada.

E' preciso não esquecer as atrocidades de Divant.

E' preciso não esquecer o bombardeamento dos hospitais da cruz vermelha. Os tratados internacionais que para a Alemanha só representam farrapos de papel—suprema das vilanias! A negação da propria honra! O despojar da propria dignidade!—Os bombons envenenados, lançados na Italia pelos aeroplanos austriacos; as bijuterias explosivas; as caixas com germens da tuberculose, do tifo e outras; as mulheres postas na frente das linhas de atiradores para servirem de escudo aos **herois** de *Guilherme*, o desertor; as granadas lacrimogénias, as baleeiras de salvados perseguidas a tiro, os bombardeamentos de cidades indefezas, a destruição de monumentos, as lévas de civis para trabalhos no país inimigo, tudo enfim que constitue já o *dossier* acusatorio dessa raça maldita, que a execração e o odio do mundo todo hão-de acompanhar implacavelmente por muitos séculos, se acáso tal raça fôr susceptivel de regeneração.

Malditos do resto da humanidade, tripudiando sobre as mais sagradas leis do sentimento e do coração, negação absoluta da generosidade e da justiça, cometendo os mais repugnantes crimes á sombra do seu suposto invencivel poderio, caíram, finalmente, nas malhas da rêde que estenderam á Europa inteira e baquearam, impotentes, rangendo os dentes de raiva, para romper o cêrco que os aliados lhe puzeram.

A féra afocinhou no seu covil.

Desoprimiu-se o nosso peito, desanuviou-se o nosso céu, apagou-se o pesadêlo que nos esmagava o espirito, não pelo resultado final, que só não viram os cégos que não querem vêr, mas pela hecatombe dos que fôram sacrificados ás ambições desmesuradas, jámais igualadas pelos maiores tiranos que nos regista a Historia, desse monarca odioso e repelente, que ficará dóra ávante como o simbolo do mais desmarcado cinismo, da mais desmedida ferocidade, como o maior criminoso politico que a raça humana podia produzir.

Da vitória que aos aliados doirou as laminas das espadas participou um troço dos soldados portuguêses que em França, na Bélgica e na Africa, honrou o nome da Patria e bem mereceu dos seus concidadãos.

Se o regosijo da vitória nos entusiasmava pelo que ela representa de Justiça e de Liberdade, toca-nos directamente o coração pela parte que nela nos pertence.

Portugal venceu tambem. A bandeira portuguesa foi tambem beijada pelo mesmo sol de vitória que cobriu em reverberos de ouro a França, a Bélgica, a Inglaterra, a Servia e a Italia.

Elevemos então a alma nacional até á grande alma colectiva da raça latina e bradêmos com ela:

Viva a Liberdade!
Vivam as nações aliadas!
Viva Portugal!

Humberto Beça

Uma carapuça?

A imprensa dá publicidade ao seguinte que deve ser devidamente ponderado pelos patriotas... buliçosos:

Londres, 12—A opinião publica acolheu favoravelmente a proposta do governo americano aos governos dos paizes aliados para intervirem na Russia com o fim exclusivo de restabelecer a ordem contra os *bolcheviks* e maximalistas.

Diz-se que intervirão não só na Russia, mas em todos os paizes onde a desordem social tomar o aspecto gráve do sovietismo.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Proseguindo

E' sob esta denominação já por si mentirosa e falsa, que o orgão da Vera-Cruz, eterna vergonha da imprensa, numa espontaneidade que é o titulo mais publico da ignominia da quadrilha, principiou a fazer o acto de contrição tão verdadeiro, como verdadeiro é o processo empregado.

Temos aqui á mão, sob a nossa vista, todos os exemplares que constitue o guarda-roupa daqueles Fregolis, velhos palhaços, indiferentes já á pateada e aos assobios da multidão que sempre os conhece, apezar de todos os disfarces.

Sabe-se que o *jornalista* foi preso e pouco faltou para borrar-se, numa destas atitudes que definem um homem...

Apenas lhe foi exigido que se não referisse aos poderes constituidos pelo mesmo processo adotado, processo dissolvente e grosseiro, improprio do respeito devido ao principio de autoridade, o homem disse que sim, porque morrera de aquele momento em diante para a vida politica. E' textual.

Pozeram-no na rua enojados com tanta baixeza moral.

Restituido, porêm, á liberdade, logo voltou ao emprego do eterno sistema da casa. Numa sabujice ignobil, repugnante, autenticamente jesuitica, acocorou-se numa espontaneidade que irrita, que revolta e voluntariamente principia de fazer uma historia, supondo demonstrar que nunca atacára a situação. E vem então reproduzindo trechos, periodos de vários artigos escritos sob a influencia do medo causado pelo troar do canhão em 5 de Dezembro...

Todas essas palavras escritas então e agora reproduzidas, eram uma logica consequencia da cobardia, do receio do que poderia sobrevir, julgado o *jornalista* cemo democratico, assim como a necessidade de proteger a pele do *antigo ministro e ilustre homem publico.*

Decorre o tempo; sobrevem o animo; as cousas olham-se com mais segurança e principia de brilhar a esperança duma revolução, descortinando-se, a seis mezes de praso, a benéfica amnistia no caso dum fracasso, e, então, a linguagem do *canudo* endurece-se e o *jornalista* escreve sem receios, com aquela autoridade que lhe dá o seu passado sempre leal e firme...

Entre arremetidas várias, reprodução de manifestos, atribuição de todas as culpas ao governo, apareciam assim destes bocadinhos, que provam bem que nunca houve uma palavra contra o Estado antes da morte politica do emerito charlatão:

A obra sidonista

Vão inumerando: as prisões em massa e sem culpa formada; as reuniões dissolvidas a tiro; a incomunicabilidade e a prisão por mais de oito dias sem pronuncia; os presos tratados a cavalo marinho; os sêlos e os impostos acrescidos; o pão carissimo; os restantes géneros em manifesto desaparecimento dos mercados; a roupa, o calçado, tudo o que é essencialmente necessario á vida, está pela hora da morte; os paquenos comerciantes vexados e os grandes açambarcadores no *Conselho-economico;* o contrato Federação-Malhon; a compra das 33:500 acções do caminho de ferro por preço infinitamente superior ao seu valor para presentear amigos.

Extensa, mas *magnanima* óbra a de 5 de dezembro.

Registemos mais esta atitude daquela gente...

TRANSCRIÇÃO

O nosso colega *Correio da Feira* deu-nos a honra da transcrição do ultimo artigo de Humberto Beça, intitulado *A vitória... alemã.*

Agradecemos.

Unicos...

Ainda sobre a impressão do riso que nos acometeu ao depararmos com a *nova* qus abaixo reproduzimos, transcrevemo-la na integra para que do seu sabor nada se perca.

Aí vai sem alteração de uma virgula:

Ao sr. D. Manuel de Bragança foi expedido o seguinte telegrama:

«Na ocasião em que a declaração do armisticio vem confirmar a vitória aliada, os deputados e senadores da minoria monarquica vem congratular-se com a vitória gloriosa da nossa antiga aliada, ao lado da qual V. M. pôz desde principio a sua elevada influencia e acção politica como chefe da causa monarquica.»

Ri-te, leitor, ri-te porque o caso não é para outra coisa.

Como nós, toda a gente está a vêr quanto valeu á Inglaterra, em especial, e aos países aliados, em geral, *a elevada influencia e a acção politica de Manuel, como chefe da causa monarquica!!!*

Para onde tudo isto teria ido, se não fôsse o foragido da Ericeira colocar-se ao lado dos inimigos da sua esposa!

Unicos, estes comediantes!

A PAZ

A noticia da assinatura do armisticio, que aqui tambem reproduzimos no nosso ultimo numero, ainda que afinal se conhecesse de que ela fôra prematura, alegrou sobremaneira todos os corações que ha tanto almejavam por o termo da pavorosa carnificina que durante quatro anos encharcou em sangue todo o mundo, e de essa alegria provieram várias manifestações ás quaes, em espirito, todos se associaram.

Queimaram-se foguetes, desfraldaram-se bandeiras e á noite percorreram as ruas, acompanhadas de grande multidão, saudando a vitória, as filarmonicas José Estevam e a do Asilo Escola.

Os marinheiros francezes assim como vários oficiais do Centro de Aviação, teem sido saudados por toda a parte de uma fórma a não deixar duvidas sobre o verdadeiro e intimo entusiasmo que a todos envolve. A bemaventurada nova, que só foi confirmada no dia 11 pelo telegrama que este jornal recebeu, expedido pelo *Seculo*, esteve afixada na vitrine da Casa da Costeira, aos Arcos, manteve-se ante ele, durante o dia, grande aglomeração de pessoas que sucessivamente acorriam para se inteirarem da autentica verdade sobre o maior acontecimento destes ultimos anos.

Por todo o país vibra o mais alto entusiasmo e nas grandes cidades tem atingido o delirio as manifestações que a vitória estrondosa dos aliados produziu.

* * *

Por iniciativa dum grupo de oficiaes da guarnição desta cidade e de alguns outros cavalheiros, teve ontem logar uma reunião nos Paços do Concelho, afim de se acordar na organisação dum programa para as festas comemorando a assinatura do armisticio com a Alemanha e que pôz termo á luta feroz e pavorosa que ha tanto ensanguentava o mundo.

Foi nomeada a seguinte comissão com plenos poderes executivos para tal fim: srs. dr. Lourenço Peixinho, Marques Gomes, Duarte Mélo, Gaspar Ferreira, Souza Faro, Rui Cunha Costa e Albino Pinto de Miranda.

As subsistencias

O PREÇO DA CARNE

Pelas numerosas próvas recebidas, podemos convencer-nos que está inteiramente comnosco a opinião pública, que sómente tem visto nas palavras aqui escritas sobre este momentoso assunto, a expressão maxima da verdade, assim como o desinteresse com que dele temos tratado, a bem do público, cançado já de tanta tirania e deshumanidade de que, vae para cinco anos, está sendo a vitima, sem a mais leve e eficaz protecção.

Não resta duvida que de ha muito não ha razão justificativa para tão elevado custo da carne. Subia o preço desta como subia o preço de tudo pela razão unica da vontade de quantos, superintendendo no ramo de negocio, resolviam ou não elevar a importancia do custo de qualquer mercadoria.

Porque é que o gado está hoje mais cáro do que antigamente?

Porque os seus donos assim resolvem e querem, combinando e estabelecendo entre si quanto deverão pedir por cada rez.

O marchante compra, porque lhe não faz diferença visto que o consumidor é o bode expiatorio que a hade pagar.

E assim se estabelece a elevação extraordinaria dum produto, sem outra razão mais do que a vontade daqueles nas mãos de quem está esse mesmo produto.

Vamos reproduzir, como justicativo do que afirmamos, um caso que nos jornaes de Lisboa acabamos de vêr:

Maria Carola, de 18 anos, de Estarreja, moradora na rua da Cascalheira, 19, 1.º; José Trancoso, de 31 anos, da Galiza, morador na rua da Prata, 156, 5.º e Maria José Curta, de 44 anos, moradora na rua do Quelhas, 163, rez-do-chão, todos vendedores de galinhas no mercado da Praça da Figueira, foram presos e enviados ao cartorio do escrivão Pereira, do 2.º juizo de investigação criminal, por se provar que, propositadamente, e com o fim de criar dificuldades ao abastecimento público provocavam a alta dos preços nas galinhas que vendiam por preços exorbitantes aproveitando-se da actual situação. Essas *bôas almas*, especialmente o José, Trancoso, enviavam a diversos vendedores e criadores de galinhas das provincias, telegramas em que pediam para não mandarem criação para Lisboa visto a baixa que estava tendo, procurando assim não abastecer o mercado numa ocasião em que tão preciso se torna a existencia de criação.

Esses telegramas foram interceptados no telegrafo e os arguidos presos e enviados a juizo onde lhes foi arbitrada fiança de 500$00 para cada um deles. Os telegramas apreendidos eram dirigidos a Joaquina Carola, de Pardelhas; Joaquina Pereira, de Alvito; Antonio Agostinho Diniz, de Montemór-o-Novo e Antonio Caetano da Silva, de Evora e assinados pelos arguidos.

E como esta centenas de *razões* que os exploradores das necessidades publicas costumam empregar para justificar os roubos descarados de que ha tanto estamos sendo vitimas.

Sabemos que será em bréve publicada pela autoridade militar, uma nova tabela, estabelecendo preços mais baixos em muitos géneros já apontados e noutros, que serão incluidos agora, como o pão que bem precisa um especial cuidado, taes os abusos que se estão praticando.

Não ha unidade de pezo; ignora-se o preço; e, atraz da ameaça que o pão faltará, a exploração toca as raias do desafôro. Da maxima conveniencia se torna, pois, olhar para este assunto com verdadeiros olhos de vêr.

A folha oficial publicou no sábado, 9 do corrente, um extenso decreto sobre o abastecimento de

carnes, cujos artigos principais são como seguem:

Artigo 1.°—Em todo o territorio da Republica Portuguêsa, no continente e ilhas adjacentes, só é permitido abater gado de especie bovina quatro dias por semana, ficando proíbida a matança das rezes dessa especie ás terças, quartas e quintas-feiras.

§ unico—O numero de rezes vacuns a abater semanalmente será reduzido a metade do que foi, em média, em igual periodo do ano de 1914.

Art. 2.° — Aos talhos é tolerada ás quartas-feiras a venda da carne de vaca e vitela que sobejar do dia anterior, não podendo vendê-la ás quintas-feiras.

§ unico—Os talhos estarão encerrados ás sexta-feiras.

Art. 3.°—Em cada localidade os talhos terão, bem patente ao publico, a tabela impressa dos preços de venda das carnes a retalho, devidamente datada e rubricada pela autoridade administrativa concelhia.

§ 1.°—Essas tabelas, temporarias e variaveis conforme os preços de acquisição do gado e mais despezas inherentes, serão elaboradas pela autoridade administrativa no respectivo concelho, ouvidas previamente as entidades locais, competentes na materia.

CARTA

—(*)—

Meu caro amigo

Por desconhecimento ou qualquer outro motivo, nas merecidas palavras de homenagem que insetiu o *Democrata*, á memoria do meu malogrado amigo e camarada João Rosa, não veio incluido um ponto que é preciso referir, quando é certo que tal referencia poderá concorrer para que se realise agora um acto de justiça que até hoje ainda não foi praticado e que viria trazer ao desolado lar da pobre viuva algum conforto e alivio.

João Rosa, como outros empregados, foi suspenso e transferido, em principios de 1910. Com a proclamação da Republica todos foram trazidos ás suas residencias e duma revisão feita ao infamante processo, resultou a anulação de todos os castigos.

João Rosa, muito naturalmente, requereu a indemnisação que resultava de tal *desideratum*: o reembolso dos seus vencimentos correspendentes a 40 dias de suspensão que sofrera, impostos por uma quadrilha de bandidos, que então aqui dominava, com um invertido á frente.

Pois apezar do democratismo *enragé* do snr. Antonio Maria da Silva, que era o administrador geral dos correios, as várias solicitações de João Rosa, ficaram sem resposta até agora. Convém, porêm, lembrar que esse mesmo Antonio Maria da Silva, suspenso por sua vez das suas funções, quando para elas voltou, logo recebeu o vencimento correspondente ao tempo que esteve afastado e suspenso do serviço sem mais outra formalidade.

Ora, com o saudoso João Rosa, não sucedeu assim: uma revisão do processo reconheceu da sua justiça e anulou todos os efeitos dele primitivamente dimanados.

Justo era que a importancia que lhe é devida fosse, como é de inteira justiça, abonada á familia do malogrado funcionario, o que lhe garantiria uns dias de subsistencia.

Antes de terminar, permita-me, meu amigo, que aplauda sem restrições, a verdade com que se referiu á acção e caracter do meu infeliz companheiro, de quem me lembrarei sempre com infinita saudade.

Um abraço e mande o seu

muito amigo

12—11—918.

Um empregado t. postal

*

Conhecemos tambem do facto que acima aponta o autor da carta. Não o referimos por lapso, mas aí fica a confirmação que da nossa parte julgâmos dever fazer a quanto judiciosamente lembra o digno colêga do extinto. Bom seria que alguem interviesse, na bôa disposição de conseguir que justiça fosse feita, quando é certo que de tal resulta o pão para uma familia que a desgraça tão profundamente feriu.

OS ESTADOS-UNIDOS

—(*)—

O seu auxilio e a sua obra

Agora que cessou o ribombo do canhão, bom é que por esse motivo e ainda para aqueles que por ignorancia ou acinte amesquinhavam o poderio da America, classificando de blague a sua entrada na luta ou de ridicula a valentia dos seus soldados, se possa conhecer do auxilio que aquele grande povo prestou em favor dos aliados.

O sr. Scott Ferris, *honorable* do Oklaboma, entregou na Câmara dos Representantes uma mensagem sobre a obra dos Estados Unidos na guerra, que contém factos que merecem ser divulgados.

O sr. Ferris diz nessa mensagem:

Ha alguns mezes os criticos e inimigos da Republica entendiam que deviam dizer:

— A administração de Wilson e do seu secretário Bakir nada tem feito para a rapida organisação dum exercito.

Eu pasmo e pergunto onde e quando, na Historia de toda a civilisação, se encontra uma Republica ou Imperio que apenas num periodo de 17 mezes fizesse semelhante *record*, armando, equipando, transportando e fazendo em todos os seus pormonores, um exercito? Que mais honroso póde haver para os americanos? Que mais se póde acrescentar a esta longa obra, que será, de resto, mais do que o prazer dos patrioticos cidadãos do país, e mais do que desagradavel e desolado para os seus inimigos?

Quando entrámos na guerra, havia ao todo nos Estados Unidos 304 barcos; hoje, lutando contra namerosas dificuldades, combatendo submarinos, com o mundo em guerra, e os pedidos que satisfizemos, em lugar de 304 temos 1:720 barcos.

Quando entrámos na guerra tinhamos 88:328 oficiais; e tripulantes nos nossos navios hoje tomados 65:735.

Quando entrámos na guerra a nossa marinha ocupava o terceiro, perto do quarto lugár, na escala das marinhas do mundo, hoje ocupa o segundo, e no actual ponto de desenvolvimento podemos afirmar que ela será por ultimo sem rival.

Esta marinha foi escoltada sómente num periodo de seis mezes por um destacamento de *destroyers* americanos, sendo 717 barcos navegando sós, e 86 comboios de 10 a 40 barcos cada. Travaram-se 84 combates com submarinos, navegaram mais de 1.000:000 de milhas, sendo conduzidos pelos nossos homens a porto de salvamento, o que é o milagre e a maravilha do seculo.

A' America foi sempre necessario uma especial marinha mercante, de que necessita em tempo de guerra muito mais do que em qualquer outro. Ao rebentar a guerra a nossa masinha mercante compunha-se de 385 barcos com uma tonelagem total de 1.235:784 toneladas brutas; agora temos 1;400 barcos com a tonelagem total de 7.000:000.

Temos hoje em laboração 819 estaleiros para construcção de barcos de madeira e de aço..

O nosso actual programa é de 2.101 barcos, excluindo os requisitados e as canôas, o qual será construido e posto a navegar pela Emergency Fleet Corporation, segundo o presente programa de transportes. O total da tonelagem deste enorme programa será de toneladas brutas 14.715:000.

Cinco biliões de dolars serão pedidos para terminar os nossos programas nos anos de 1918, 1919 e 1920.

Haverá em toda a Historia uma tão maravilhosa obra? Póde faltar o agradecimento da Republica, a sua ápreciação e reconhecimento por uma obra tão notavel e em divida? Póde uma consciencia digna, desejando o progresso da sua Republica, esquecer-se desta obra de construção da marinha mercante, e pódem os criticos de outem serem os criticos de hoje? Pódem os patriotas que amam o seu país desconhecer as condições dificeis em que a Emergency Fleet Corporation tem trabalhado?

Agora, o orgulho deve obrigar todos os americanos a saber que os habitantes dum pais tão forte, tão habil, tão prestavel e tão generoso, como auxiliar na luta das nações pela Liberdade, os Estados Unidos, até 2 de Setembro de 1918, emprestaram aos nossos aliados para o grande conflito 7·098:040.000 dolars, desembarcando nas costas da França 2.000:000 de soldados armados, equipados, municiados e abastecidos. Tudo isto foi absorvido pela construção de barcos, de caminhos de ferro, transporte de tropas e abastecimentos, pelo transporte, enfim, de tudo que era preciso neste grande conflito, durante o qual a America tem estado sempre firme ao seu direito e cumprido a sua parte por completo. As paginas da Historia não pódem deixar de recordar e dar o seu justo valor ás suas grandes obras e á sua grande força para o fazer e cumprir.

Quando fizermos o quadro de honra dos nomes daqueles que estão trabalhando para este grande conflito, encontraremos todas as nacionalidades representadas, e veremos que cada nacionalidade cumpriu a sua parte.

Notas mundanas

Esteve bastante doente pelo que foi requisitada a presença do abalisado clinico conimbricense sr. dr. José Rodrigues, o nosso conterraneo e activo negociante Antonio Maximo Junior, por cujo restabelecimento completo fazemos votos.

— Em Espozende, onde possue uma importante ourivesaria, adoeceu tambem com sua familia o sr. Manuel Fernandes de Carvalho, a quem os seus amigos de Regueixo, Fermentelos, Oliveirinha, Taipa, Ois da Ribeira, Taboaço, etc., se teem dirigido exprimindo-lhe o desejo de o verem em bréve restituido ao seu convivio. Oxalá.

— Chegou ao Sol Posto com demora de algum tempo, o sr. Antonio de Oliveira Matos, conhecido industrial em Setubal.

— Para Santarem, retirou depois de ter passado umas poucas de semanas em Taboeira, sua terra natal, o sr. José Lopes de Matos.

INCENDIO

Na noite de sabado para domingo manifestou-se incendio, cêrca das 13 horas, na fabrica de torrefacção de chicoria, sita na margem do canal de S. Roque, propriedade dos srs. Pinho & Irmão.

O incendio manifestou-se na estufa, que foi completamente consumida, assim como grande quantidade de chicoria, que estava a secar, havendo ainda outros estragos, todos cobertos pela companhia *Atlantica*.

As corporações de bombeiros, que se apressaram a comparecer, prestaram relevantes serviços e so seu auxilio se deve não ter sido destruido por completo todo o predio e pertences, o que representaria, sem duvida, um grandissimo prejuizo. O trabalho foi penoso, pelo seu prolongamento, demorando-se até cêrca das 21 horas da amanhã, hora a que se realisou retirada de todo o material.

OS ACONTECIMENTOS

—(*)—

Continuam os trabalhos de apuramento de responsabilidades respeitantes ao infeliz movimento esboçado a 12 de outubro findo.

Em Lisbva, Coimbra e Porto não se descança um momento no desempenho dessa tarefa, e, assim, foi ante-ontem restituido á liberdade o sr. Francisco Encarnação, que ha dias se achava detido.

A cidade continua sendo percorrida durante a noite por patrulhas de cavalaria e infanteria.

Segundo noticias que nos merecem todo o credito, parece que já seguiram para ponto desconhecido, todos os individuos que se achavam detidos no forte de S. Julião da Barra, quasi na sua totalidade vadios e creaturas perigosas, tendo sido anteriormente dali retirados, seguindo para os fortes de Elvas aqueles que, de facto, já se apurou estarem implicados no referido movimento revolucionario.

Parlamento

Em consequencia da resolução tomada pela maioria parlamentar na sua sessão prévia, foram adiados os trabalhos das câmaras para o dia 2 do proximo mez de dezembro.

Parece ter ficado assente que logo se iniciem os debates sobre a nova Constituição, que será um dos primeiros assuntos a tratar, afirmando-se que será dissolvida a assembleia ultimados que sejam esses trabalhos.

Tudo explicado...

—(*)—

Ha dias deu-nos o telegrafo a grande nova de que uns medicos hespanhoes teriam descoberto o *bacilos* da epidemia reinante, abrindo assim com toda a segurança o caminho para o seu tratamento e combate.

Agora, porêm, vemos no famoso jornalsinho, *desinteressadamente* denominado o *Amigo do Povo*, de 2 centimetros de comprido por 10 de largo, semanario catolico, orgão da liga da boa imprensa da diocese de Coimbra, que a *epidemia é uma doença que vem do Céo e um flagelo com que Deus quer castigar os desmandos dos homens!*

E depois acresenta como argumento justificativo desta maravilhosa descoberta, outra razão não menos surpreendente:

Pois como explicar o facto de em tão pouco tempo se achar todo o mundo pasto da terrivel grippe?

Seguem várias e judiciosissimas considerações demonstrativas e convenientes das razões citadas, acabando o glorioso autor de tão sabia e transcendente doutrina, com a seguinte receita como remedio infalivel contra o mal: querem que Deus suspenda o castigo? Voltem-se para Ele e façam uma sincéra penitencia dos seus crimes.

Sim senhor. Concordâmos, mas o douto escritor nega-nos a melhor indicação. Manda-nos voltar para Deus, mas não nos indica o lado mais preferivel.

PELA IMPRENSA

"A Voz Publica,,

Completamente melhorada na parte material, reapareceu no domingo o antigo diário portuense com a rubrica de republicano conservador e tendo por director o brilhante jornalista, dr. Joaquim Madureira, por de mais experimentado nas lides da imprensa.

O 1.º numero da 4.ª serie, que é de 16 paginas, impressas a duas côres, abre com um magnifico retrato do sr. Presidente da Republica e é, assim como os seguintes redigido com talento pelo que a sua prosa se lê com apreciavel apetite e não menos interesse.

Nós saudâmos a *Voz Publica*, desejando-lhe as maximas prosperidades.

"O Combate,,

Passou ha dias o aniversário deste semanário que se publica na Guarda sob a inteligente direcção de José Augusto de Castro, que, como republicano desde remotos tempos, tem prestado serviços valiosos ao regimen implantado em 5 de Outubro de 1910.

Vivamente o felicitâmos.

"A Aguia,,

Saíram os n.ºs 79, 80 e 81 correspondentes a julho, agosto e setembro do orgão da Renascença Portuguêsa, que continúa a honrar os seus créditos publicando excelentes artigos e primorosas gravuras.

Eis o sumario:

Literatura—Fialho d'Almeida—*Raul Brandão*. Perfis: A Fiandeira. Tecedeira. Lua. Moleirinha. Pastora. Mendiga. Marujinho. — Versos de *Joaquim de Almeara*. Os novos tempos e a sua literatura: O terrivel segredo. O pobre inocentinho. Madame Berge e a sua criada..— Versão de *Antonio Arroyo*. *Os Ultimos* do Visconde de Villa-Moura—*Corrêa da Costa*. As Estrêlas nas Poesias de Camões—*Luciano Pereira da Silva*. **Arte**—Entalhadores de Lisboa—*Virgilio Correia*—Musicos Portuguêses — III) — Fr. Antonio de S. Joaquim Almeida—*D. Miguel Soto Maior*. Ilustrações: Retrato, de *Antonio Carneiro*; Prometeu—Escultura de *Severo Portela* (Filho); Pax, de *Pedro D. Costa*; Algumas reproduções á venda na Exposição de Arte da *Renascença Portuguêsa*. Outro aspecto da Livraria da *Renascença Portuguêsa*. **Sciência, Filosofia e Crítica Social**—A experiência e o simbolismo do Pensamento—*Leonardo Coimbra*. **Notas e comentários**—*O Só*, de Antonio Nobre; Navarro da Costa; Exposição de Arte da *Renascença Portuguêsa*. **Bibliografia**—*Vieira da Cunha, Philéas Lebesgue, M. F.* e da Redacção.

"A Concordia,,

Nesta cidade iniciou a sua publicação um novo periodico assim intitulado. Diz-se semanário republicano evolucionista, sucessor de *O Patriota*, que acabou triste, precisamente no momento em que a sua acção em beneficio de Aveiro se estava exercendo com aplauso de todos os dignos filhos desta terra.

Cumprimentâmos.

NECROLOGIA

Vitimada por uma pneumonia gripal, que em poucas horas a aniquilou, faleceu ante-ontem a snr.ª D. Ester Vilhena Torres, solteira, atual directora da secção feminina do Asilo Distrital e irmã do snr. Reinaldo Torres, empregado das finanças, nesta cidade.

* * *

Pela mesma doença foi tambem vitimada a snr.ª Ester Lebre Ferreira, professora oficial em Mamarosa, esposa do sargento ajudante de marinha snr. Tomaz José Ferreira, ha muito pouco regressado da Africa.

A extinta, que contava 38 anos, deixa tres creanças, tendo horas antes de se extinguir, entre as maiores torturas, dado á luz um féto de alguns mezes.

* * *

Com dois anos incompletos, faleceu um filhinho do nosso amigo sr. Carlos Mendes, que apezar da sua tenra idade, era o enlevo de seu pae.

A's familias doridas o nosso profundo pezar.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 14

Foi acolhida com visivel satisfação por todos os filhos da freguezia da Oliveirinha, a noticia da terminação da guerra que desde ha muito vinha sendo anciosamente esperada, sobretudo pelos que teem parentes militares.

E' um alivio.

— A epidemia continua a manifestar-se por toda a parte, sendo o unico medico que aqui temos, o dr. Abilio Marques, incansavel no combate contra ela. Entre as poucas vitimas que tem feito, conta-se o distribuidor do correio de Eixo, Sabiniano Tavares, residente na Oliveirinha e a quem teve de ser feito enterro civil por o sr. prior obstinadamente se negar a acompanhar o corpo, alegando a falta de confissão de esse seu paroquiano.

O facto, que deu logar a acres censuras por parte de quem dele teve conhecimento, levar-nos-ia a largas considerações e comentarios se não fosse o pouco tempo de que dispomos para o alinhavo destas linhas, escritas á pressa, de fugida, quasi sobre o joelho. E' que não tolerâmos que haja padres mais papistas que o Pápa, padres intolerantes, padres que em vez de promoverem a aproximação com a Igreja parecem predestinados a andarem sempre em conflito com o povo, eles que deviam dar o exemplo da ordem e não crear atritos como os que o reverendo Alvaro volta a estabelecer nesta pacata freguezia, onde ainda hoje, por ter faltado tambem ao enterro de Abilio Mateus, acompanhando a irmandade, ouvimos verberar, com indignação, o seu procedimento pouco harmonico com a doutrina de Cristo e ainda menos com a bondade, que devia ser apanagio dos seus ministros, tornando-os dignos entre os mais dignos representantes da religião que maior numero de prosélitos conta em Portugal. Mas o nosso reverendo prior parece importar-se pouco com isso. Farà bem? Fará mal? E' lá com ele. Todavía o povo é que já não toléra umas tantas coisas e—que diabo!—não custa nada fechar os olhos a ninharias quando elas pódem redondar em beneficio duma instituição ou duma causa tão grandiosa como a que os catolicos dizem defender.

Pois não é assim, snr. padre Alvaro Henriques?

— O S. Martinho apresentou este ano um verão todo catita que, pelos modos, promete durar não se sabe até quando.

Assim nós o podessemos gosar.

C.